

SOBRE RELÍQUIAS E EX-VOTOS: TERRITÓRIOS SAGRADOS NO VALE DO RIO PARAÍBA/SP (SANTUÁRIO NACIONAL DE NOSSA SENHORA APARECIDA E SANTO FREI GALVÃO)

Bianca Gonçalves de Souza

Introdução

Conhecida como circuito religioso do vale do rio Paraíba, a região dos municípios de Guaratinguetá, Aparecida e Cachoeira Paulista - localizados no estado de São Paulo, às margens da rodovia Dutra, principal ligação entre a capital paulista e o Rio de Janeiro - concentra um dos polos de turismo religioso mais conhecido no cenário brasileiro. Fortemente marcadas pelo Catolicismo, as três cidades – cada uma com suas peculiaridades e propostas – atraem milhares de pessoas todos os anos. Cachoeira Paulista abriga a Comunidade Canção Nova, lugar de retiros e encontros, emissoras de rádio e televisão. Já Aparecida e Guaratinguetá diferem da primeira no que tange ao foco da visitação: são lugares que abrigam santuários devocionais, respectivamente, Nossa Senhora da Conceição Aparecida e santo Antonio de Sant'Anna Galvão.

Nesse ínterim, a proposta desse artigo é refletir sobre esses territórios sagrados, marcados pela devoção mariana e à fé em frei Galvão. Santuários se constituem em torno de memória, as quais, nos casos em questão, fazem desses santuários lugares de memória (NORA, 1993). Tais lugares funcionam como memoriais, como museus, atributos que revelam um caráter de institucionalização de uma memória. Porém, mais revelador é o caráter documental desses espaços, seja por eles mesmos, seja pelo conteúdo que abrangem.

São locais devotados à memória de entidades religiosas católicas; para além de um espaço sagrado, no qual se toma contato com o intangível, com o imaterial e o abstrato, são instituições que se baseiam na cultura material para documentarem a fé. Seja no Santuário Nacional de Aparecida e em seus ex-votos expostos na sala das promessas, seja na casa onde nasceu frei Galvão, na qual há também ex-votos e as relíquias do santo, é possível ver como o documento de fé é representativo para a manutenção da fé, da devoção; objetos agenciam e promovem inferências (MENESES, 1998), corroborando os milagres atribuídos a Maria e a frei Galvão.

O artigo iniciará por uma reflexão acerca da casa de Antonio Galvão de França (1739-1822), nascido em Guaratinguetá, canonizado em maio de 2007, pelo papa Bento

XVI, em uma cerimônia litúrgica realizado em São Paulo. Foi o primeiro brasileiro oficialmente reconhecido como santo pelos cânones da Congregação da Causa dos Santos, órgão responsável pelos processos de beatificação e canonização no Vaticano. Na sequência, seguirá uma reflexão sobre o Santuário Nacional de Aparecida, em especial, mencionando a sala das promessas, local designado para abrigar os milhões de ex-votos dados como pagas de promessas pelos visitantes.

Espera-se com essa breve discussão poder trazer ao leitor a compreensão do quanto o objeto constitui-se documento de fé nesses espaços, capaz de agenciar os indivíduos. Dotado de valor documental que lhe é atribuído pelos espaços em questão, o objeto sagrado documenta milagres, justamente aquilo que possa haver de mais questionável dentro de um ponto de vista científico. Dessa forma, tem-se que ex-votos e objetos sagrados fazem prova de algo que não existe, que é improvável na prática, mas que pelo lugar e pelo contexto no qual se encontram, assumem o papel documental e fazem prova de fé e devoção.

Guaratinguetá e santo frei Galvão

Antonio Galvão de França nasceu em Guaratinguetá/SP, em 1739. Ainda muito jovem, fez opção pela vida religiosa. Os Galvão de França eram uma família abastada, e o frei era descendente do bandeirante Fernão Dias Paes Leme (BRITO FILHO, 2007). Nasceu em uma família numerosa e possui descendentes de seus irmãos e irmãs espalhados pelo Brasil.

Ainda hoje no município sobrecitado há vários descendentes, dentre eles um casal de sobrinhos, Thereza e Tom Maia, o qual cuida e são proprietários da casa onde nasceu o frei franciscano. Thereza e Tom Maia adquiriram a casa em péssimo estado de conservação, nos anos de 1980. De lá para cá, reconstruíram toda a casa, somente restando de original uma soleira de pedra e algumas dobradiças e pregos da época que ficam expostos dentro da casa. A casa de frei Galvão é um lugar de visitação e seu público intensificou-se especialmente após a canonização dele, em 2007. Muito pequeno, o sobrado de dois andares somente recebe visitas no primeiro piso. Dividido em duas salas, os objetos foram organizados pelos proprietários e funcionários. Ao lado, com o passar do tempo, ampliaram o espaço de visitação, montando uma pequena loja que vende suvenires e artigos religiosos.

A casa fica localizada no centro antigo do município. Ruas estreitas configuram o centro histórico, tornando difícil acesso de ônibus ao local. As pessoas, geralmente, desembarcam e caminham poucos metros para chegar a casa. Com o aumento do fluxo de visitantes, os proprietários acharam por bem abrir um pequeno comércio de artigos religiosos, um espaço de descanso, com água e lugares para descanso, além de um pequeno santuário, no qual contam um pouco da trajetória do santo, bem como estão expostos alguns ex-votos que foram acumulados por dona Thereza.

Todo esse arranjo do espaço é muito recente, não tendo mais do que dez anos. Dona Thereza preocupou-se em expor, em especial, na casa, pedaços do passado de frei Galvão: o cordão do hábito do frei, o prato de suas refeições, pregos e dobradiças da primeira edificação da casa, estátuas de santos do século XVIII e que pertenceram à família. Há uma intencionalidade em expor tais objetos. Dona Thereza, ao colocá-los à vista, tenta reproduzir o que foi o cotidiano dos Galvão de França: quando coloca as imagens de Sant'Ana, quer demonstrar a devoção da família e do filho padre à mãe de Maria. Com a mobília, a soleira e os pregos e dobradiças, quer passar ao visitante a ideia da constituição original da casa. Dessa forma, esse ambiente foi produzido a fim de familiarizar o visitante com o modo de vida de frei Galvão e de seus familiares.

Todavia, um prego ali exposto, mesmo que oxidado pelo tempo, não é um simples prego; o pedaço da veste de santo Frei Galvão não é um mero vestígio de tecido. Quando ali aparecem aos olhos dos visitantes transcendem a materialidade e a autenticidade. Ali apresentados, representam alguém que existiu e que para o público católico é o representante de sua fé e testemunho da existência divina.

Ou, como diz Olave (2007): “Una vez museificado, el par de zapatos es algo más que un par de zapatos y su valor primero, es decir ser-útil, se transforma en ser-histórico o en ser-estético”. O mesmo é possível pensar do prego. Ele é velho e antigo, enferrujado, mas para o devoto é parte da vida de seu santo de devoção: talvez frei Galvão o tenha tocado ou visto, e isso é importante pois o aproxima mais ainda daquela realidade e é uma forma de o devoto se familiarizar com o cotidiano da casa na qual o santo nasceu. Esse processo ao qual a autora se refere, a museificação, é essa passagem do objeto do mundo cotidiano e de mercado para o universo do museu.

La museificación es el proceso que sufren en su camino del mundo hacia las vitrinas o bodegas de los museos. Este es un proceso que se inicia cuando los seres humanos deciden sacar de su medio natural ciertos

objetos para finalmente encapsularlos en las vitrinas de los museos; el proceso de escogencia se basa en la “musealidad” presente en cada uno de ellos y es la característica que nos hace escoger un determinado objeto por sobre otros. (NAVARRO, 2007).

No caso, é a passagem dos objetos do cotidiano para o interior da casa, onde eles funcionam como objetos de memória, como testemunhos e como documentos de que frei Galvão existiu. E seja qual for o objeto: de um prego à relíquia, de uma pedra de soleira aos móveis, tudo foi organizado e pensado pela família do frei para aproximar o visitante da memória de santo frei Galvão. Todavia o ponto central da exposição dos objetos é uma estátua de frei Galvão, com um metro de altura, na qual dois medalhões preservam relíquias do santo: uma delas traz um pedaço do osso e outra um pedaço da veste que o santo vestia quando faleceu. Ambas relíquias foram coletadas nos ano de 1990, quando o corpo foi exumado, a fim de atender requisitos para o processo de beatificação.

Em relação às relíquias, vale citar um trabalho de Susan Pearce (2005). Ao mesmo tempo em que as relíquias são coisas e corpos, amarram a experiência real ao mundo sobrenatural. Tais relíquias são ambas as coisas e isso também dá um caráter às relíquias de especialidade: são capazes de aproximar, materialmente, o visitante da vida e do corpo do santo de devoção. E não só o corpo se apresenta como relíquia. Um objeto de uso atribuído ao frei também o pode ser, como é o caso do prato e do cordão. O objeto é relíquia, conforme explica Phillip Blom (2003, p. 192):

Nesse sentido, todo objeto colecionado é não apenas relíquia de um mundo no qual teve serventia prática, mas relíquia sagrada, da mesma forma que o braço de Teresa de Ávila não é disputado pelo seu tecido muscular e conteúdo ósseo, ou sua capacidade, agora perdida, de carregar coisas e ser metade de um par de mãos cruzadas; não é um braço venerado como braço, mas como objeto imbuído de santidade, de estranheza, como chave do céu, de um mundo infinitamente mais rico do que a nossa existência diária. Os objetos de uma coleção nos ligam a alguma coisa de muito distante.

Como o autor coloca, “as relíquias formam uma ponte com o céu e a imortalidade” (BLOM, 2003, p. 192). Esse é o caso das relíquias de frei Galvão ou de qualquer outro santo em face do devoto: elas fazem prova da existência do santo de devoção.

Toda a exposição de objetos remonta uma questão: se eles são pontes que aproximam devotos e santos, promovem mediações (MARTÍN-BARBERO, 2006). Essas mediações favorecem várias interpretações pessoais. Expõem memórias e histórias que remetem a uma determinada visão sobre frei Galvão, como tendo sido alguém santo,

religioso, milagreiro. Da observação do espaço e das peças desdobram-se narrativas que pretendem reforçar no imaginário a figura de Antonio Galvão de França como sendo um santo católico. Assim, conforme Mircea Eliade (2001) nos auxilia a compreender, os espaços sagrados são lugares onde o devoto tem a oportunidade de se aproximar de uma história e de uma vida: no caso, a de frei Galvão. Quando Eliade explica o que é mito, ele o entende como sendo a narrativa de uma história de criação. A função do mito é fixar o modelo de todos os ritos da atividade humana relativa a alguém ou alguma coisa.

Nos espaços sagrados, as pessoas têm contato com esses mitos. Nesses locaisⁱ, eles conhecem como as coisas se deram: podem ver, por exemplo, onde o frei nasceu, onde foi batizado, por quais ruas andou, em que espaços esteve e quais ajudou a construir durante sua vida. Não se trata, porém, de afirmar a apreensão da verdade tal qual tenha sido, mas uma narrativa, uma interpretação de como ocorreu, de como aconteceu a vida dele. E é somente nesses locais que as pessoas podem tomar contato com esses mitos, com as “verdades absolutas” (ELIADE, 2001, p. 81) que eles contam, pois essa é a função do mito: contar como algo se deu para que o homem religioso se aproxime mais do criador e dos deuses em que crê ou, no caso, do santo de devoção.

Por fim, outro documento de fé reforça a devoção em frei Galvão, são as pílulas de papel. No século XVIII, frei Galvão as teria criado para amenizar o sofrimento de doentes e grávidas. A pequena pílula traz uma jaculatóriaⁱⁱ, é feita de papel e distribuída gratuitamente em vários locais e na própria casa do frei. A pílula é uma tradição inventada (HOBSBAWM; RANGER, 2002).

Para Raymond Williams (1979, p. 119): “O que temos de ver não é apenas ‘uma tradição’, mas uma *tradição seletiva*: uma versão intencionalmente seletiva de um passado modelador e de um presente pré-modelado, que se torna poderosamente operativo no processo de definição e identificação social e cultural”. Por implicar em uma prática social, há que se notar que a tradição não lembre tudo. Ela seleciona.

Dessa maneira, a ação de produção e utilização das pílulas, desde o tempo de frei Galvão, foi sendo repetida por outros, até os dias atuais. Não se sabe se por freiras ou padres; o que se sabe é que houve indivíduos que continuaram fazendo as pílulas e, mais do que enrolarem minúsculos pedaços de papel com uma frase, acabaram por criar uma estrutura de relações e de sentimentos que promoveria a manutenção de uma tradição. E toda essa tradição é também envolta por essa aura de espiritualidade e religiosidade,

importantes no caso da pílula: é de papel, sim, mas não é qualquer papel, é a pílula de frei Galvão, um remédio espiritual, um auxílio da fé, para superar dificuldades, para dar força e coragem aos devotos que dela se utilizam.

Para a ciência, frei Galvão não se tornou santo. Ele é santo perante uma religião e diante de uma comunidade. No entanto, documento é o suporte sobre o qual se inscreve a informação e sobre o qual atribuímos valor histórico, social, cultural (RABELLO; GUIMARÃES, 2006). Para a ciência o documento tem representatividade, fazendo prova de algum fato. Pode-se dizer que as memórias, o patrimônio, os objetos e relíquias fazem sentido para o fiel porque funcionam como documentos da existência do santo de devoção, bem como de milagres e graças que as pessoas recebem e receberam e as pílulas, aqui, fazem prova desses milagres, estabilizam uma relação de fé e devoção.

Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida

O Santuário Nacional de Aparecida é o maior espaço de devoção mariana no Brasil. Em 1717, três pescadores pescaram uma pequena estátua de Nossa Senhora da Conceição nas águas do rio Paraíba do Sul. Desde então, a fama da estatueta foi se espalhando e o número de devotos que queriam vê-la foi crescendo. Ainda no século XIX construiu-se a primeira igreja que abrigou a imagem da Aparecida e somente em 1980 foi inaugurado o Santuário Nacional, complexo que abriga mais do que a basílica na qual a imagem está exposta, mas abrange estacionamentos, comércio, banheiros, espaços para refeições e descanso, tudo isso para receber um público anual que supera os dez milhões de visitantesⁱⁱⁱ.

A construção que é chamada de Basílica Nova, na verdade, vai além da igreja: no plano superior fica a estátua do século XVIII e a grande basílica, composta por quatro grandes alas. Também nesse plano, há uma torre que abriga um museu e setores administrativos. Capelas, estacionamentos e o shopping do romeiro são partes desse ambiente. Em um piso inferior, abaixo da basílica, ficam o grande refeitório, banheiros, padaria, bazar e a sala das promessas. Essa última é o segundo lugar mais visitado do Santuário, só perdendo para a passagem diante da estátua da Aparecida.

A sala das promessas é um grande átrio localizado no plano inferior da basílica, para onde se destinam os ex-votos. São eles objetos dados em pagamento de promessas ou então para iniciar um pedido de alguma graça a Nossa Senhora Aparecida. São recebidos mais de dois milhões todos os anos, mais de 70 mil são apenas fotografias (SANTUÁRIO,

s/d.). Impossível preservar uma quantidade tão grande de objetos: a quase totalidade deles deixa o espaço e assume outras quatro trajetórias: descarte, retornam ao comércio, são musealizados ou compõem pecúnia (reservas). No entanto, o que importa para tal análise tange especialmente os objetos que ficam ancorados no interior da sala, pois esses ex-votos adquirem o valor documental, tornando-se documentos de fé.

A sala das promessas é um lugar de passagem, e não de permanências. Por ela entram os objetos votivos e muito poucos permanecem expostos. Todavia, ela assume um caráter museológico, pois expõe coleções de ex-votos, organizados por temas. São ordenados de maneira a trazer à sala um caráter de museu. Várias gôndolas estão suspensas em imensas colunas que sustentam a construção; ao redor dessas, as prateleiras cercadas por vidros expõem ex-votos; de bonecas a instrumentos musicais, remédios, roupas, objetos de cera, cruzes, artesanato de todo tipo, troféus, réplicas da estátua de Aparecida, enfim, um universo de possibilidades de se pensar o que as pessoas entendem como prova de sua fé e devoção.

A sala é organizada e mantida pela direção do Santuário. Há sempre um padre responsável pelos seus cuidados e, junto com ele, uma equipe de funcionários recepciona, diariamente, os devotos que trazem os objetos votivos. Recebem esses e agradecem. Depois os colocam nos fundos da sala, em um nicho dedicado para o acúmulo diário dos objetos. E diariamente esses objetos são redirecionados, em especial para o descarte, como as flores, restos humanos, sondas, gases, gessos, cabelo, toda a sorte de lixo hospitalar que é trazido e depositado em bombas de incineração.

O propósito, segundo os padres que cuidam do Santuário, é fazer da sala das promessas um lugar catequético, bem como é ela uma possibilidade a mais de contato com Maria. Nos objetos expostos, as pessoas reconhecem a fé delas próprias e dos outros, de anônimos e famosos, todos tendo em comum algum motivo para agradecer e para fazer representar sua fé.

No todo, a sala das promessas é um monumento-documento, assim como Jacques Le Goff (1996) define, o monumento que se torna documento e que pretende ser uma referência, um marco, um espaço onde se tem imortalizada a memória e a história. A sala das promessas é uma extensão da imagem de Nossa Senhora Aparecida. Não é um lugar escuro e fúnebre, é claro e bem organizado; não é um museu, mas tem suas coleções e organização próprias.

E não é propriamente local de oração, mas é sacralizada, pois os objetos e o espaço em si são ramificações materiais dessa devoção mariana. O que permanece na sala das promessas ancora-se, porque assume significados múltiplos, porém intencionalmente selecionados esses objetos, para que possam promover inferências sobre Maria, sobre a devoção mariana e sobre os milagres atribuídos à Maria. Os objetos remanescentes na sala das promessas cristalizam relações de fé e de devoção e se prestam a documentar essa relação tão abstrata que é a fé. Uma camiseta ali transcende sua função de vestimenta, para assumir uma papel documental no qual convalida um discurso, naturalizando a crença e a devoção à Nossa Senhora Aparecida.

Os documentos carregam consigo uma positividade que os faz assumirem o papel de suportes de informação e, de alguma maneira, se tornam verdadeiros, quando alinhavados e arregimentados dentro de uma instituição. No todo, constituem um discurso catequético-educacional, promovendo um discurso eclesial de que Nossa Senhora Aparecida é milagrosa, atenciosa para com seus devotos, protetora de todos que nela se socorrem e salvaguarda de uma nação. Esse discurso religioso se concretiza com o auxílio dos objetos-documento, os ex-votos, que são âncoras para a produção de um saber acerca da mãe de Deus.

Dentre toda essa variedade, as fotografias são o principal documento presente na sala. Revestem as paredes e o teto e são trocadas ao menos uma vez, todos os anos. São organizadas por temas: crianças, animais, veículos, homens, mulheres, doentes, etc.

Outro fator importante é que a fotografia é um documento por excelência, ou uma das melhores formas de representar a si mesmo e aos outros. Por esse motivo, boa parte das pessoas veem na fotografia a melhor maneira de representarem uma graça alcançada, pois como documento, a fotografia eterniza a pessoa agraciada. Dentro dessa perspectiva, a fotografia se aproxima de uma visão dela como um sendo um referente da realidade: ao olharmos para ela, vemos o registro de alguém que realmente existe – e se fez documentar. Não bastasse isso, “doou a si” ao SNA, para que a suas foto seja documento de fé e devoção.

Por outro caminho, entretanto, o pesquisador John Tagg (2005) rompe com essa concepção de que a fotografia é a prova do real. O autor aproxima-a da ideia de símbolo. Além disso, o autor suplanta uma tradição que a compreende como a-histórica, para trazê-

la para o debate em que a fotografia implica em ser, ela própria, a história. Dessa forma, reconhece-a como permeada por relações de poder.

Susan Sontag (2004, p. 84) também faz parte desse debate. No livro [*Sobre Fotografia*], a autora faz uma análise da imagem fotográfica como histórica, simbólica, e não apenas como comprovadora de fatos e isenta de questionamentos. Para a autora, as fotos são artefatos, que gozam de um status de “lascas fortuitas do mundo. Assim, tiram partido simultaneamente do prestígio da arte e da magia do real. São nuvens de fantasia e pílulas de informação”.

Concorda-se com as análises dos autores supracitados acerca da compreensão do que vem a ser a fotografia dentro da sociedade contemporânea. Por conseguinte, compreende-se a fotografia como um símbolo bastante representativo de como as pessoas se veem a si mesmas e como querem ser vistas no momento em que deixam seu ex-voto no SNA. Uma fotografia pode ser um documento. Evidência promove inferências. Pode ser tida como um objeto-documento: um suporte documental. Gera informação, transmitindo-a. E expõe aos sujeitos que com ela dialogam.

Para Boris Kossoy (2001), a fotografia tem essa capacidade a ela inerente; a de cristalizar uma imagem real, o que faz dela uma maneira de cristalizar uma memória. Acontece que tais imagens pouco informam de fato sobre aqueles que estão fotografados: por isso é que o autor encara a fotografia como sendo uma ilustração ao texto, isto é, ela informa sobre o mundo e a vida de indivíduos retratados, mas é meramente uma expressão e implica em uma estética própria, sem a qual não se pode compreender a fotografia.

A sala das promessas é um lugar que se encaixa dentro da perspectiva de Arjun Appadurai (2006) da constituição de uma política de valores. É ela quem atribui valor documental aos objetos. Nesse sentido, a discussão sobre o valor documental da fotografia e de qualquer outro tipo de ex-voto passa pela espacialidade da sala e não pelo valor atribuído pelo grupo ou pelo sujeito. O ex-voto é documento, nesse contexto, pois a sala das promessas é ela também um território sagrado e dotado de atribuições que fazem os objetos votivos representações e provas de milagres e da fé das pessoas.

Considerações finais

Quando se pensa em discussões sobre fé, geralmente essas passam por debates abstratos, imateriais. Na análise de territórios sagrados o que se pode, primeiramente apreender, é que esses passam suas análises e construções por relações sociais. Assim

como o antropólogo Émile Durkheim (1973) pensou no início do século XX, as religiões são fatos sociais e se alicerçam para os homens. São também pautadas por práticas sociais que unem os seres humanos, trazem a eles mais do que consolo e alívio, são uma maneira de viver em coletividade e de estabelecer relações sociais.

Em segundo lugar, há que se ter claro que as religiões se constroem material e historicamente. Debruçando sobre o Santuário de Aparecida e sobre a casa de frei Galvão vê-se como tais espaços são marcados por memórias e histórias que fazem deles referentes quando falamos de Nossa Senhora Aparecida e de frei Galvão. Os espaços e seus objetos, todo o patrimônio edificado em torno dessas entidades sagradas para o Catolicismo no Brasil só o fazem porque a cultura material propicia uma representação material da fé.

O devoto de Nossa Senhora da Conceição Aparecida não pode tocá-la, nem levar a estátua originária do rio Paraíba para sua casa. Mas pode tocá-la com os olhos. Pode vê-la no Santuário e mais que isso, toca-la intimamente nas múltiplas formas, objetos, cores e texturas que estão expostas na sala das promessas. O visitante pode estabelecer uma relação tátil (PATTISON, 2007) com Nossa Senhora Aparecida por meio dos ex-votos, seja no momento em que se faz representar por ele no Santuário, seja quando os observa no interior da sala e consegue promover inferências que dão base para suas interpretações religiosas.

A relíquia funciona também como um elemento que promove essa relação tátil e, juntamente como os ex-votos, são documentos de fé. Fazem prova, dão positividade para uma relação abstrata, que é a fé. A fé, nesse sentido, não passa por uma relação puramente imaterial; ao contrário, ela se constrói por meio de objetos e provas materiais que os devotos entendem como sendo referentes de sua crença.

E, por fim, tem-se que tais espaços sagrados são envoltos em uma sacralidade que lhes é trazida pelos objetos votivos e pelas relíquias. Como entende Renato Cymbalista (2006) os territórios sagrados são importantes, pois trazem familiaridade e reconhecimento a espaços antes profanos e que, então, se tornam sagrados pela simples presença de uma relíquia. O mundo profano e cotidiano, alijado da presença divina e da sacralidade, é novamente ressacralizado pela presença dos ex-votos e das relíquias, os quais se colocam como documentos de fé e de devoção das pessoas em Nossa Senhora Aparecida e santo frei Galvão.

Referências bibliográficas

- APPADURAI, Arjun. Introduction: commodities and the politics of value. In _____. *The social life of things: commodities in cultural perspective*. Cambridge/Inglaterra, Cambridge University Press, 2006, pp. 3-63.
- BRITO FILHO, Paulo C. Carta do diretor. In *Catolicismo: Revista de Cultura e Atualidades*, São Paulo, Jun/2007. Disponível em: www.catolicismo.com.br. Acesso em: 19 abr. 2008.
- CYMBALISTA, Renato. Relíquias sagradas e a construção do território cristão na Idade Moderna. *Anais do Museu Paulista*. N° vol. 4, n. 2, São Paulo, Universidade de São Paulo, jul-dez. 2006, p. 11-50.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. Os Pensadores, vol. XXXIII, São Paulo, Ed. Abril Cultural, 1973.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Lisboa (Portugal): Livros do Brasil, 2001.
- HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- KOSSOY, Boris. Fotografia e memória. In *Fotografia e história*. São Paulo, Ateliê Ed., 2001.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora URJ, 2006.
- MENESES, Ulpiano B. de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. In *Estudos Históricos*, n. 21, 1998, p. 89-103. Disponível em <http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2067/1206>. Acesso em 18 out. 2010.
- NAVARRO, Oscar. *Museos nacionales y representación: ética, museología y historia*. In: INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE MUSES. *Curso Creación y gestión de un museo*. Disponível em: <<http://www.ilam.org/talleres>>. Acesso em: 10 out. 2007.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In *Projeto História*, nº 10, São Paulo, Programa Pós-Graduação em História da PUC/SP, dez.1993, pp. 7-28.
- OLAVE, Daniela O. El museo como espacio sagrado. Disponível em: <<http://www.architectum.edu.mx/architectumtemp/ensayos/dosorio1/dosorio1.htm>>. Acesso em: 10 out. 2007.
- PATTISON, Stephen. *Seeing things: deepening relations with visual artefacts*. Londres/Inglaterra, SCM Press, 2007.
- PEARCE, Susan. *On collecting: an investigation in european tradition*. London: Routledge, 2005.
- RABELLO, Rodrigo; GUIMARÃES, José Augusto C. *A relação conceitual entre conhecimento e documento no contexto da Organização do Conhecimento: elementos para uma reflexão*. VII ENANCIB Unesp/FFC, Marília, 2006.
- SANTUÁRIO Nacional de Aparecida. Press Kit – Imprensa. Marketing Institucional, Assessoria de Imprensa, s.d. Disponível em http://www.a12.com/santuاريو/media/arq/Presskit_Geral_Santuاريو_Nacional%20atualizado.pdf, acesso em 13 jan. 2011.
- SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.
- TAGG, John. *El peso de la representación*. Barcelona/Espanha, Ed. G. Gilli, 2005.

ⁱ Vale destacar que há dois lugares sagrados dedicados a frei Galvão: a casa e os arredores da mesma em Guaratinguetá e também o Mosteiro da Luz, em São Paulo/SP, o qual foi construído pelo frei. É um prédio

tombado pelo governo paulista e tem valor religioso e arquitetônico para a cidade. O corpo do santo jaz dentro da capela do Mosteiro.

ⁱⁱ A jaculatória é: “Post partum Virgo inviolata permanicisti. Dei genetrix intercede pro nobis”.

ⁱⁱⁱ No sítio eletrônico do Santuário (www.a12.com) é possível visualizar os números de visitantes ano a ano, bem como encontra-se, semanalmente, a expectativa de visitantes para casa final de semana.